

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE
CONSELHO DE MEIO AMBIENTE DO DISTRITO FEDERAL
RELATO DA 12ª REUNIÃO ORDINÁRIA DA
CÂMARA TÉCNICA DE MUDANÇA DO CLIMA

Data: 10 de fevereiro de 2022

Horário: 15:30h

Local: Reunião realizada por vídeo conferência, em virtude do Decreto Distrital nº 40.546, de 20 de março de 2020.

Estiveram presentes à reunião os seguintes membros da CT

Secretaria de Meio Ambiente – SEMA

- MARÍLIA MARRECO CERQUEIRA, PRESIDENTE DA CT

- ADRIANA SOBRAL BARBOSA MANDARINO

Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural – SEAGRI

- MAC LEONARDO SOUTO

Secretaria de Transporte e Mobilidade – SEMOB

- BRUNO TERRA

Associação do Mercado Imobiliário – ADEMI

- RAFAEL MORAES

Federação das Indústrias do DF – FIBRA

- OLÍVIA CAROLINA RIBEIRO KROHN

Federação da Agricultura e Pecuária – FAPE

- NATÁLIA CRISTINA CHAGAS MENDES TEIXEIRA

Universidade de Brasília

- SAULO RODRIGUES

Como convidada: KAREN SILVERWOOD (Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

Pela Secretaria de Meio Ambiente participaram: CAROLINA CARVALHO, CHARLES DAYLER, LEONEL GENEROSO, ANDRÉ SOUZA, HUGO DO VALLE MENDES, JULIO CESAR BAENA, THIAGO MENDES, NAZARÉ SOUZA, MARICLEIDE MAIA E UGO ANDREAZZI.

1. Abertura da reunião.

A Presidente da Câmara Técnica agradeceu a presença de todos e sugeriu uma rodada de apresentações, dando início à 12ª Reunião Ordinária.

Após apresentação a Secretária Executiva solicitou que o Sr. Thiago Mendes fizesse a exposição sobre o Plano de Adaptação do DF conforme previsto na agenda da reunião.

2. Apresentação do Plano de enfrentamento dos impactos adversos da mudança global do clima, para reduzir as vulnerabilidades e ampliar a adaptação no Distrito Federal.

https://www.sema.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/06/Final_Plano-de-Adaptacao-e-Sumario_junho_2021.pdf

Segundo Thiago, o Plano de Adaptação deve ser compreendido como um trabalho de excelência por representar o melhor resultado possível frente às condições de elaboração, tais como disponibilidades de dados, tempo de execução e restrições devido à Pandemia da COVID-19. Muito embora existam aspectos possíveis de serem melhorados, o esforço que se coloca no momento é o de sua implementação.

Quanto à decisão de escopo, pela baixa disponibilidade de dados, a SEMA-DF poderia ter optado por fazer um plano genérico. Decidiu, no entanto, focar em questões mais sensíveis como riscos vinculados à gestão de recursos hídricos, segurança no abastecimento, chuvas e inundações.

O Plano trabalhou com horizonte temporal para 2030. Partiu-se de 4 modelos globais (HadGEM2, MIROCS, BESM, CanESM2) cruzados com dois cenários de emissão do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, na sigla em inglês), RCP4.5 e RCP8.5. Os resultados gerais apontaram para aumento de temperatura e, de forma consistente, diminuição da precipitação com limite inferior em -600mm e limite superior em +50mm.

Os modelos globais têm limitações e seguem bases conservadoras pois existe atraso no processo de publicação dos trabalhos científicos. O último relatório, publicado em 2019, período de realização do Plano, foi o AR5, que usa base de dados de 2006.

Ou seja, as projeções utilizadas para elaboração do Plano são extremamente conservadoras, e têm sido superadas pelos dados atualmente coletados. Nesse sentido, o que um modelo global indicar para 2050, 2070, pode acontecer regionalmente em 2030, 2040. Em função disso, o IPCC tem mudado a maneira como apresenta informações sobre eventos extremos. Eventos que ocorriam a cada 50 anos ocorrem a cada 10, 20 anos. Assim, conviver com a incerteza não significa que a ciência foi malfeita.

O DF está localizado numa região de planalto, com convergência de várias bacias, gerando problemas de armazenamento e dependência da precipitação. O armazenamento para uso no período seco assume caráter crítico na gestão dos recursos hídricos da região. A descarga líquida, neste período, passa a ser menor do que a vazão demandada pelas captações. Ao final da cadeia, os usos, como consumo residencial, comercial, industrial e os necessários para a agropecuária ficam comprometidos.

A demanda pelos recursos hídricos é diária, sendo necessário compatibilizar o aumento do número de ocorrência, e a intensidade de eventos climáticos extremos.

Com apoio no uso de tecnologias de sensoriamento remoto foram elaboradas camadas informacionais, sobrepostas a dados e aspectos físicos e geográficos disponíveis para fornecer informações estratégicas para tomada de decisão por parte dos gestores.

Mapas de inundação sobrepostos aos mapas de uso do solo indicam alagamentos nas regiões do final da Asa Norte e Ceilândia, entre outros.

Na contramão das projeções, está havendo adensamento populacional em locais previstos para inundação.

A resiliência do sistema de abastecimento depende da possibilidade de captação e armazenamento frente à demanda. Assim, mesmo com atividades de educação ambiental e racionalização do consumo, está previsto, de acordo com dados do IBGE e da CAESB, aumento no tamanho da população e, conseqüentemente, do consumo.

É importante lembrar que na década de 1970 existia a previsão de criação de um segundo lago para armazenamento de água ao longo do curso do Rio São Bartolomeu.

Num contexto em que seja necessário ampliar a captação de água, o Plano de Adaptação propôs o estabelecimento de áreas alagadas para fins de construção de novos reservatórios entre as cotas 800 e 880 metros de altitude em todo o território do DF.

O Plano apresenta sugestões de ações de redução de vulnerabilidades, tais como: ampliação de maciços florestais, criação de novas Unidades de Conservação em áreas de captação, aumento de fiscalização para redução da perda por poços clandestinos e ampliação de atividades que proporcionem aumento da infiltração da água no solo.

Foram identificadas 36 localidades de maior risco no DF. Para elas foram propostas intervenções sequenciadas:

- no curto prazo, a implementação de sistemas de alertas precoces;
- estabelecimento de 7 pilotos de captação e armazenamento de águas nas áreas prioritárias, inspirados no modelo do Parque Güell em Barcelona, na Espanha; e
- construção de reservatórios de grande capacidade.

Ao final, o Plano aborda de maneira inicial outros setores, tais como: energia, agropecuária, mobilidade e saúde e também o monitoramento dos focos de incêndio por parte da SEMA para gatilho de outras atividades.

A Presidente da CT agradeceu pela apresentação e ressaltou a complexidade do problema e os desafios existentes na articulação intersetorial para implementação das medidas de redução de vulnerabilidade. Abriu a palavra para os presentes.

3. Discussão sobre o Plano, incluindo prioridades setoriais, ampliação de escopo etc.

Saulo Rodrigues parabenizou a SEMA-DF pelo excelente trabalho e o Sr. Thiago Mendes pela apresentação. No seu entendimento, os cenários apresentados são desoladores. Os registros de inundações têm, não apenas confirmando, mas superado a projeção dos impactos. Adaptação foi a parte da agenda de enfrentamento da mudança do clima que menos recebeu atenção. Claro que a mitigação é primeira forma de adaptação, conforme lembrou a Sra. Karen Cope no início da reunião. Recentemente, por desilusões na agenda de mitigação a adaptação ganhou importância.

A vulnerabilidade depende de aspectos socioambientais. Como estamos em um planalto cercados das principais nascentes de três bacias brasileiras, todas as medidas existentes podem e devem ser executadas para diminuir as vulnerabilidades relacionadas às secas.

Considerando que houve forte estiagem em 2017, ocasionando crise hídrica no abastecimento no mesmo ano, é muito provável que venhamos a enfrentar nova crise no abastecimento ao longo dos próximos 3 anos. O aumento da oferta de água para abastecimento não deve ser encarado como a única saída, pois tem custo considerável.

Outra saída é a diminuição da demanda. Incentivar o armazenamento da água da chuva de forma descentralizada pode ser uma saída. Pequenas cisternas para usos não vinculados ao consumo humano poderiam diminuir a demanda de água dos reservatórios do sistema de abastecimento. Exemplo bem-sucedido dessa prática é o programa cisternas no nordeste brasileiro.

Quanto ao exercício de *dowscaling* dos modelos climáticos globais, ao aumentar a resolução aumentam-se também as incertezas. Não se trata de ciência exata. O BESM, no cenário RCP8.5, indicou possibilidade de aumento da precipitação, no entanto, ele foi o único modelo a apontar isso. Todos os demais, nos dois cenários de emissão do IPCC, indicaram redução brutal de disponibilidade de água.

4. Encaminhamentos

Marília Marreco agradeceu pelos comentários do Professor Saulo e perguntou se alguém mais gostaria de trazer contribuições. Sem resposta positiva passou à definição de encaminhamentos:

- 1) sugeriu a ampliação e o preenchimento da tabela que divide as medidas de enfrentamento propostas entre as Secretarias do GDF, de acordo com suas competências. Uma proposta de tabela, preenchida, será objeto de discussão na próxima reunião da CT-Clima;
- 2) indicou a disponibilidade de recursos no Projeto CITinova para desenvolver iniciativas relacionadas a soluções baseadas na natureza em complementação às medidas definidas pelo Plano. Para isso espera contar com o apoio técnico do Professor Saulo e da Especialista Karen para discussão da iniciativa e elaboração do respectivo Termo de Referência);
- 3) indicou a possibilidade de iniciar parceria com a FAPE-DF para planejamento resiliente;
- 4) solicitou que seja marcada reunião com a Sra. Karen Silverwood, que precisou se ausentar ao final da reunião, para coletar suas contribuições;
- 5) sugeriu que seja feita apresentação das previsões de inundação para a Terracap e para a Secretaria de Obras do Distrito Federal;
- 6) sugeriu que seja marcada reunião com a Adasa para tratar da questão de armazenamento de água para abastecimento; e
- 7) sugeriu que seja feita apresentação atualizada das iniciativas setoriais, durante a próxima reunião da CT-Clima.

4. Assuntos diversos.

Sem mais manifestações, a Presidente agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião.

MARÍLIA MARRECO CERQUEIRA

Secretária Executiva da Secretaria de Estado do Meio Ambiente

Presidente da CT de Mudança do Clima